A palavra possível: intervenções como resistência à desumanização.

Gabriel Teitelbaum

Pedro Pouzada Mandelli

A partir da revelação do inconsciente, Sigmund Freud derruba a onipotência da racionalidade e desmascara as “boas intenções humanas”. Apresenta um sujeito que “não é senhor em sua casa” e demonstra que que nesta casa singular também habita o destrutivo endereçado a si e ao outro. Portanto, se há algo que podemos afirmar sobre a psicanálise, desde seus primórdios, é que ela desacomoda e, por isso, sofre rechaço. Em 1924, Freud escreve o breve artigo intitulado *As resistências à psicanálise*, no qual discute os motivos pelos quais sua jovem ciência fora ferozmente criticada pelo meio científico, tanto médico quanto filosófico. No início do texto, utiliza uma analogia entre um bebê que chora frente a um rosto estranho, um homem piedoso que começa uma nova estação do ano com uma prece e um camponês que prefere comprar uma foice com a marca registrada usada por sua família para falar sobre a dificuldade de aceitação do que é novo. Na sequência, entre outras razões, pontua que a psicanálise revelou as fragilidades de um sistema baseado no que chamou de “hipocrisia cultural”, ao exigir de seus membros uma renúncia pulsional excessiva, baseada na moralidade e na repressão, o que a levou a ser tomada como “inamistosa à cultura” e como um “perigo social”. Além disso, aponta que a psicanálise foi responsável por reconhecer que a sexualidade estava presente desde a infância, o que também despertou resistência, por ter se atrevido a “levantar o véu de amnésia” que recobre a sexualidade infantil. Assim, Freud conclui que as resistências iniciais à psicanálise derivavam não de motivação intelectual, mas sim emocional, já que “poderosos sentimentos humanos são feridos pelo tema geral da teoria”.

O que percebemos já no texto freudiano e até os nossos dias, é que a psicanálise é duramente criticada por apontar e se propor a intervir naquilo que implica em uma apropriação, por parte dos sujeitos, do que é tomado como instituído socialmente, supostamente imutável, e perante o que deve-se obedecer silenciosamente. É a isso que Freud se refere, nos parece, quando fala em hipocrisia cultural, que destina ao novo e questionador campo do conhecimento a alcunha de perigo social. O novo, portanto, não é o fenômeno apontado, mas sim o entendimento e o desejo de intervir nele. Como disse Freud no texto de 1924, “A psicanálise jamais disse palavra em favor dos instintos desagrilhoantes que danificariam nossa comunidade; pelo contrário, emitiu uma advertência e uma exortação para que corrigíssemos nossos modos. A sociedade, porém, se recusa a consentir em ventilar a questão, porque tem uma má consciência sob mais de um aspecto”. Perguntamo-nos, então, quais são os pontos que hoje serviriam a essa hipocrisia cultural e quais as formas possíveis de intervenção e resistência a eles, a partir da psicanálise.

Em seu tempo, guiado pelas mulheres a quem se dispôs a escutar, colocadas em lugar de exclusão, patologização e violência, Freud foi capaz de articular pela palavra uma possibilidade de atingir aquilo que se enredava sutilmente, ou seja, de reconhecer que no lugar de exclusão havia algo a ser escutado. É necessário relembrar que foi a partir da escuta individual que Freud pôde se voltar ao coletivo, borrando a vigente separação de um e outro. De acordo com Joel Birman (2014), no texto *Psicologia das massas e análise do eu*, Freud constrói um sujeito que é narcísico por um lado e alteritário por outro, “pois estaria voltado para si e tecendo laços sociais com os outros ao mesmo tempo”, o que superaria a oposição histórica de uma psicologia individual e outra coletiva.

Mas diante do nosso contexto, tão diferente daquele em que estava inserido Freud, ainda duramente regulado pelo registro da sociedade disciplinar, o que é necessário escutar e, além disso, em que é preciso intervir? Vivemos hoje catástrofes sanitárias e políticas que nos mostram a urgência de recolocar a palavra ali onde ela não está. É importante lembrar que o que Freud se propunha a fazer não era uma revolução, mas antes disso, uma abertura ao campo do sujeito como efeito da diferença, marcado pela falta. Como explicita Fernanda Costa-Moura (2017), a condição da psicanálise é ingrata “porque se trata de propor ao falante suportar a dimensão de uma perda, sem se constituir ela mesma (a psicanálise) como mais uma religião, um saber ou um sistema”. Ou seja, pela sustentação ética da diferença e da palavra, estar presente em um lugar de radical alteridade. Como fazê-lo hoje, em um contexto no qual o distanciamento social é necessário para a preservação da vida e a palavra está mediada por dispositivos eletrônicos ou telefônicos? E, de forma mais estrutural, em que a individualização, a autonomia, a racionalização, a produção excessiva que passa por cima da natureza e das pessoas, além da recusa da negatividade e do vazio constituintes do desejo aparecem de forma comercial e vendável, como objetivo que leva a uma suposta autossuficiência?

Ainda não temos uma resposta, e é possível que nunca tenhamos, mas podemos afirmar que se há forma de se colocar na contramão de um mundo excessivamente individual, essa será através da força dos coletivos e da palavra, contrapondo um discurso corrente em relação à prática psicanalítica que toma o setting tradicional e individual como elemento imprescindível para sua efetividade. Pensamos que esse tipo de discurso faz parte da construção de uma psicanálise que, por diferentes contingências, recorrentemente se eximiu de seu papel de “perigo social”, no sentido positivo do termo. Ou seja, a contraposição se dá a partir de uma psicanálise implicada e implicante, que aponta e convoca. Freud, em seu texto “A questão da análise leiga” (1926), diz que a psicanálise como uma teoria do conhecimento psíquico e um novo instrumento de pesquisa seria indispensável a todas as ciências que se interessam pela evolução da civilização humana e suas principais instituições. Citamos: “O emprego da análise para o tratamento das neuroses é somente uma de suas aplicações; o futuro talvez demonstre que não é o mais importante. Seja como for, seria errôneo sacrificar todas as outras aplicações a essa única, só porque diz respeito ao círculo de interesses médicos”.

É nesse sentido que, desde 2010, a Sigmund Freud Associação Psicanalítica desenvolve o projeto SIG Intervenções Psicanalíticas. Frente às políticas de silenciamento e as diferentes exclusões – ou a hipocrisia cultural, como definiu Freud - buscamos articular o desejo ao campo social, atuando em grupo e em grupos, apostando na força do coletivo. Assim, problematizamos o lugar dos psicanalistas nos grupos, a partir do estudo de conceitos como pertencimento, pertinência e identificação. O que nos propomos a fazer, como definiu Almerindo Boff (2012), é uma “psicanálise no front”, que não perde de vista a possibilidade de “aliar o ato analítico à ‘força antagonista de Eros’ contra as formas cruéis com que a ação da pulsão de morte se deixa vislumbrar no cenário dos graves problemas sociais que assombram o Brasil contemporâneo.”.

Assim, a partir dos fundamentos da teoria psicanalítica, os mesmos que sustentam a prática clínica tradicional, buscamos levar a escuta para o front, ou seja, lá onde se dão os debates e embates sociais e políticos. Nessa perspectiva, buscamos levar a associação livre, a atenção flutuante, a abstinência, fundamentalmente a ética da psicanálise àqueles grupos que são colocados por esses embates no lugar de exclusão, patologização e violência, assim como fez Freud em seu tempo. É importante frisar neste ponto que para que uma intervenção psicanalítica se efetue, é fundamental que, como introduzimos anteriormente, os que se propõem a intervir não ocupem um lugar de saber e que não satisfaçam os pedidos de inclusão ao grupo. Ou seja, que se sustente um lugar abstinente, que não abre mão de sua posição analítica.

Desde a criação do projeto, já propusemos intervenções com refugiados, em escolas, com sujeitos afetados pela violência de Estado e de gênero. Em todos esses momentos, estivemos em contato direto e presencial com os sujeitos que formavam os grupos atendidos. Uma presença que se propõe a estar ali, mas não pertencer aos grupos. Em 2020, entretanto, enfrentamos uma catástrofe sanitária em que a presença física se vê comprometida pelo risco da contaminação. Além disso, o ambiente mortífero causado pela pandemia e intensificado pelos recorrentes impropérios políticos, coloca-nos em uma situação na qual precisamos fazer trabalhar a teoria para que possamos dar seguimento às intervenções. Então, se fez necessário um momento de reflexão e criação de uma intervenção que pudesse sustentar a escuta dos grupos dentro dos pressupostos teóricos e que permitisse a sequência do trabalho em meio às intensidades atuais.

Assim, coube-nos criar um dispositivo que pudesse colocar palavras em um momento em que a simbolização resta comprometida, mas ainda resta como possiblidade de resistência. Construímos, então, um sistema de correspondências entre o grupo do SIG Intervenções Psicanalíticas e os grupos atendidos. De certa forma, sustentamos a possibilidade de inverter o vetor de contágio do vírus: se ele é uma cadeia mínima de linguagem, contendo o código necessário apenas para se reproduzir indefinidamente, colocamo-nos a criar uma corrente de contágio que pudesse transformar a violência através da mesma linguagem, mas no sentido da representação, e não da reprodução sem sentido. Assim, pensamos que a troca de cartas entre os grupos, resgatando a palavra pela escrita, possibilita narrativas de testemunho destes sujeitos, além de oferecer a construção de uma memória coletiva do momento que passamos.

É verdade que vivemos um momento em que a escrita e a criação são limitadas pela realidade, o que nos confronta com as dificuldades de recebermos poucos testemunhos. Mesmo assim, colocamo-nos presentes, em posição de escuta, e acreditamos que esse método continuará sustentando o trabalho psicanalítico calcado na teoria, mas atuando no front, mesmo sob a distância necessária. Em outra tentativa de resistirmos, o Coletivo Testemunho e Ação, fundado em 2018 a partir do trabalho do SIG Intervenções com o Clínicas do Testemunho, também utilizou da produção e da leitura de cartas testemunhais como forma de dar contorno ao que vivemos hoje e no passado, em evento que foi chamado de Nós brasileirxs. Dessa forma, esperamos que este distanciamento se limite ao aspecto físico, e não se dê em relação ao pacto civilizatório. E assim, a partir da troca de correspondências entre o SIG Intervenções e os grupos escutados, circula o verbo, e quiçá através deste método/dispositivo que propomos, será possível transformar a violência a que estamos submetidos neste momento sombrio de dessubjetivação, desumanização e perversidade política.

 Para finalizar, lembramos de Sófocles em sua peça Édipo Rei. Em determinado momento, com a cidade tomada pelo contágio da peste, os anciãos lamentam:

Tebas perece com seus habitantes

e sem cuidados, sem serem chorados,

ficam no chão, aos montes, os cadáveres,

expostos, provocando mais mortes.

(SÓFOCLES, 1993, p. 22)

No momento em que as perdas já ultrapassam em número a população de cidades inteiras, é necessário que não deixemos nem as perdas e nem a resistência sem palavras, sem simbolização. Que fique exposto apenas aquilo que Freud chamou de hipocrisia cultural, e não os corpos daqueles que perecem. Aprendemos desde o início da psicanálise que a reação possível às políticas de exclusão e silenciamento se dá pela palavra e pelo coletivo. É assim que seguiremos escutando, intervindo e construindo o SIG Intervenções Psicanalíticas.

**REFERÊNCIAS:**

BOFF, Almerindo. Por uma psicanálise implicada no social. In: CONTE, Barbara de Souza; HENZEL, Silvana (org.). Exclusão e Inscrição Psíquica: da escuta psicanalítica no social. Porto Alegre: Evangraf, 2012. p.11- 16.

BIRMAN, Joel. O sujeito da diferença e a multidão. Ide (São Paulo), São Paulo , v. 36, n. 57, p. 25-40, jun. 2014 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S0101-31062014000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 15 ago. 2020.

COSTA-MOURA, Fernanda. Para bom entendedor meia psicanálise não basta. Para bom entendedor meia psicanálise não basta.

Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana, 12(23), 23-32, nov. 2016 a abr. 2017. Disponível em <<http://www.isepol.com/asephallus/numero_23/pdf/3-para_bom_entendedor_meia%20psicanalise_nao_basta.pdf>>. Acesso em 15 ago. 2020.

FREUD, Sigmund. A questão da análise leiga. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XX. Rio de Janeiro: Imago Editora; 1976.

FREUD, Sigmund. As resistências à psicanálise. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago Editora; 1976.

SÓFOCLES. Édipo Rei. Em A trilogia tebana. 3ª ed., Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993. p. 19-99.